

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XVI*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

## QUATRO PEÇAS INÉDITAS DE «SIGILLATA HISPÂNICA»

Os quatro recipientes que agora apresentamos foram encontrados numa necrópole romana, localizada na Herdade do Reguengo (Vaiamonte) (\*). Para aquela propriedade, rica em vestígios arqueológicos, enviou, o então director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Prof. Manuel Heleno, um funcionário do Museu, para que procedesse a escavações. Foi recolhido inúmero material de superfície, efectuada uma sondagem (2) e exploradas sete sepulturas (3).

Recolhido o espólio nas «reservas» do MNAE, desacompanhado de qualquer relatório, planta, desenho ou fotografia (se é que na realidade existiram...), a riquíssima estação arqueológica apenas mereceu uma breve notícia na revista «O Arqueólogo Português» (4).

II<sup>II</sup>) O presente estudo foi objecto de uma comunicação por nós apresentada em 8 de Novembro de 1975, no II Colóquio Arqueológico de Setúbal.

(2) JOSÉ O. DA SILVA CAEIRO, *Espólio da Herdade do Reguengo (Vaiamonte). I — Recolhas de superfície e Sondagem* (No prelo).

JOSÉ O. DA SILVA CAEIRO, *Espólio da Herdade do Reguengo (Vaiamonte). II — Material sem indicação de contexto.* (No prelo).

(3) JOSÉ O. DA SILVA CAEIRO, *Espólio da Herdade do Reguengo (Vaiamonte). III — As sepulturas n.º 4, 5, 6 e 7.* (A publicar na revista «O Arqueólogo Português»).

(4) ...«Depois desta comunicação explorámos, ainda na região de Torre de Palma, um riquíssimo cemitério romano com muita «terra sigillata», vidros, moedas, etc., e construções na herdade do Reguengo;...».

MANUEL HELENO, *A villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte).* «O Arqueólogo Português», vol. IV, N. S. Lisboa, 1962, p. 134.

Tratando-se de exemplares para os quais não conhecemos paralelo, foi nossa intenção individualizar quatro peças (para além do indispensável estudo conjunto da estação), chamando assim a atenção dos investigadores que possam ter uma palavra a dizer.

## PEÇA N.º 1

Garrafa com pequena asa inserida sob o bordo e decorada por duas caneluras paralelas, longitudinais.

O corpo abre a partir da base, de forma gradual e segundo um perfil ligeiramente côncavo, para depois fechar quase na horizontalidade. Gargalo estreito e curto, terminando em lábio alargado e curvo, sendo visível que foi moldado à parte. O fundo externo é completamente liso, sem pé, o que é invulgar na produção da Sigillata. Fundo interno com zona circular central, convexa.

O verniz é de tonalidade escura, com brilho, em toda a face externa e na face interna do gargalo.

Diâm. ao nível da carena — 95 mm. Alt. — 120 mm.

O verniz encontra-se um tanto picado e ao corpo, fragmentado na parte superior, faltam dois pequenos pedaços; também da asa apenas se conserva uma pequena secção e ténues vestígios da sua inserção inferior sobre a zona quase horizontal que conduz ao gargalo.

A nossa garrafa não cabe em nenhuma das formas que Mezquiriz apresenta: a Forma Hispânica 14, proveniente de Mallén <sup>(5)</sup>, incompleta, mas de corpo com paredes verticais, que data a partir do séc. m e uma outra, ainda diferente, de Almedinilla (Córdova), da Forma Hispânica 32, que atribui ao séc. II <sup>(6)</sup>.

<sup>(5)</sup> MARIA ANGELES MEZQUIRIZ DE CATALAN, *Terra Sigillata Hispanica*, Valencia, 1961, T. II, lám. 27.

<sup>(6)</sup> MEZQUIRIZ, O. C. T. II, lám. 28. Mezquiriz, o. c. T. I, p. 327-328, descreve alguns pequenos fragmentos de garrafas, não indicando, logicamente, o seu perfil e que se encontram no Museu de Pré-História de Santander, provenientes de Juliobriga. Também a página 450, descreve duas garrafas, entre as quais uma é a representada na lám. 28; porém, a descrição nada nos diz sobre a possível semelhança ou não da sua forma com o exemplar que apresentamos.

Na mesma sepultura em que foi encontrada esta garrafa existem alguns exemplares de «paredes finas», com decoração a barbotina, da segunda metade do séc. i. No que respeita a «Sigillata Hispânica», citamos as seguintes formas:

- Drag. 18, que sabemos existir nos sécs. i e n.
- Drag. 35, com verniz claro, fino e brilhante, a indicar precocidade no fabrico; recordemos que em Pamplona existe em estratos da segunda metade do séc. i.
- Drag. 37, cuja decoração de séries de círculos repetidos ou intervalados por motivos verticais é atribuível aos finais do séc. i, princípios do séc. n.
- Hispânica 20, semelhante ao exemplar de Itálica descrito por Mezquiriz e que sabemos não ultrapassar os primeiros anos do séc. n.

Perante o contexto apresentado, atribuímos esta peça aos finais do séc. i, o que faz dela o exemplar de garrafa em «Sigillata Hispânica» mais antigo de que temos conhecimento até à data. Como já foi apontado, nada tem a ver com a Forma Hispânica 32, e mesmo em relação à Forma 14, a escassez de exemplares não permite considerarmos o nosso exemplar como uma variante e muito menos como uma primeira fase de evolução da forma, o que contrariaria pelo menos as tendências evolutivas formais, geralmente verificadas. Enquanto se não produzirem mais achados, esta peça mantém uma singularidade notável.

## PEÇA N.º 2

Pequeno vaso com asa de fita decorada por duas caneluras paralelas, longitudinais.

Corpo de perfil quase semi-circular, muito bem delineado. Boca terminando em bordo simples, aberto, com funda canelura na sua parte mediana. Pequeno pé arredondado; fundo externo côncavo e interno convexo. Verniz pouco aderente e fino, de tonalidade laranja-escura. Decoração externa

formada por urna canelura, seguida de duas outras paralelas, no espaço compreendido pela inserção da asa.

Diâm. máximo do bojo — 95 mm. Diâm. ao nível do bordo — 70 mm. Alt. — 98 mm.

Peça de corpo intacto. O verniz, porém, conserva-se apenas em zonas diminutas.

Mezquiriz apresenta a fotografia de um vaso da Forma Hispânica 1, proveniente de Itálica (7), com algumas semelhanças na forma, mas decorado. Podemos aventar a hipótese de que o vaso da Herdade do Reguengo constitua uma variante daquela forma.

Esta peça e a seguinte foram encontradas na mesma sepultura.

### PEÇA N.º 3

Vaso cujas paredes estão divididas em três zonas:

- a) uma primeira que contém o bordo, (simples e arredondado) e termina numa larga canelura;
- b) uma intermédia, de perfil vertical, que termina numa larga moldura em degrau.
- c) uma terceira que desce obliquamente para o pé que é alto e de perfil bipartido.

O fundo interno tem duas zonas de depressão, sendo antecedido por moldura em degrau. O fundo externo possui uma moldura atípica.

O verniz, de tom vermelho-alaranjado, acetinado e a pasta muito bem depurada, de tom rosado, individualizam esta peça do comum da «Sigillata Hispânica».

Diâm. ao nível do bordo — 102 mm. Alt. — 79 mm. ,

Este exemplar de perfil inédito encontra-se excepcionalmente bem conservado, já a ele se tendo referido A. e J. Alarcão num pequeno catálogo policopiado de uma exposição efectuada em Coimbra, em 1970.

(7) MEZQUIRIZ, o. e. T. II, lám. 33, n.º 2.

Na sepultura a que pertencem as peças n.º 2 e 3, encontramos cerâmica de «paredes finas» decorada com roleta, de meados do séc. i e também com botões de barbotina e lúnulas, da segunda metade do séc. i até ao primeiro quartel do séc. II. Também de *Sigillata Hispânica* temos a forma Drag. 37, com motivos circulares, dos finais do séc. i e a forma Drag. 15/17, com quarto de círculo muito levantado e fundo interno com botão, para além de verniz característico dos finais do séc. i. É esta última datação que atribuímos à presente peça, única em toda a produção hispânica.

#### PEÇA N.º 4

Pequeno vaso de perfil oval, cuja boca termina em bordo simples, aberto. O pé forma uma pequena plataforma arredondada, dividida em duas secções. O fundo interno é curvilíneo, com botão central e o externo tem moldura muito pouco acentuada.

Está decorado na parte mediana do bojo com duas largas caneluras paralelas. O verniz é de tonalidade clara, com brilho.

Diâm. máximo do bojo — 94 mm.

Alt. — 95 mm.

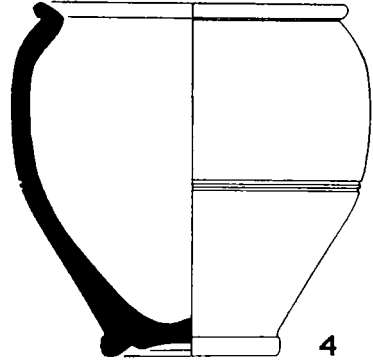
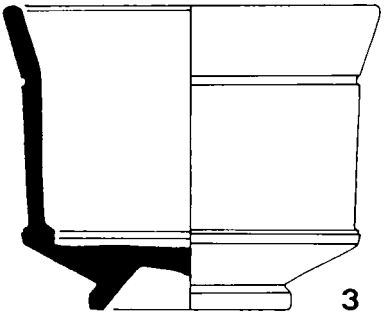
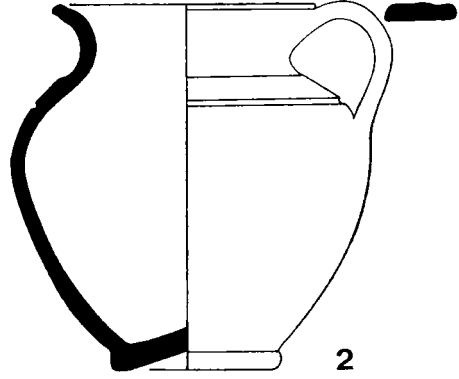
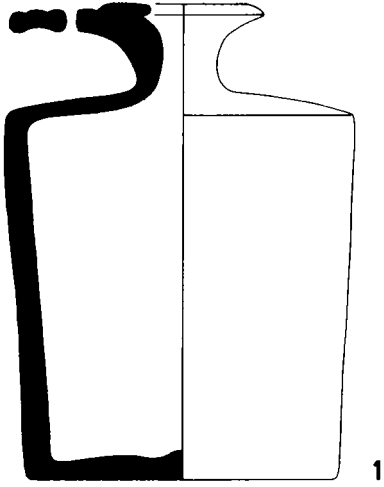
O verniz está muito deteriorado e falta à peça um pequeno pedaço do bordo. No seu corpo apresenta uma pequena perfuração circular, certamente produzida por incúria na escavação.

Este nosso exemplar tem características bem individualizadas pois, se, por um lado, o seu perfil o podia classificar como uma variante da Forma Hispânica 2 (que Mezquiriz coloca entre os séc. i e m), por outro, não apresenta a decoração a barbotina, típica daquela forma (8).

(8) MEZQUIRIZ, O. C. T. II, lám. 21, B. Esta autora refere-se à existência de uma forma tardia gálica, com decoração a barbotina, procedente de Rheinzabern, aventando a hipótese de influência hispânica. Tal peça, apresentada por Oswald-Pryce in *An Introduction to the study of Terra Sigillata*, é muito diferente da nossa, até no seu perfil.

Na sepultura a que pertence este vaso encontramos a forma Ludowici Tb, que abarca o início do séc. neo pleno séc. m; Drag. 15/17, cujas características apontam para urna fase intermédia da evolução desta forma (início do séc. II) e ainda a forma Drag. 46 que abrange os séc. n e m. Atribuimos o nosso vaso ao primeiro quartel do séc. II.

JOSÉ O. DA SILVA CAEIRO



Esc. 1:2